



**Rodrigo Duarte
Fernandes dos Passos**

**CLAUSEWITZ E A DIALÉTICA GUERRA E PAZ
CLAUSEWITZ AND PEACE-WAR DIALECTICS**

Doutor em Ciência
Política (USP), Livre-
Docente em Teoria das
Relações Internacionais
(UNESP). Docente da
Unesp de Marília.
Bolsista de Produtividade
em Pesquisa Nível 2 do
CNPq. Autor do livro
“Clausewitz e a política:
uma leitura da obra ‘Da
Guerra’ e coautor do livro
“Carl von Clausewitz”.

RESUMO: A questão é: como abordar a dialética entre guerra e paz conforme Carl von Clausewitz? Para buscar responder à indagação enunciada, esta reflexão tem por objetivos: a) demonstrar o caráter unitário e dialético da guerra e da paz em torno da noção de política conforme Clausewitz; b) argumentar a ausência de uma continuidade e de uma descontinuidade absoluta no que tange à guerra e à paz no construto teórico do general prussiano; c) enunciar o nexos com a política e a paz a partir da noção da guerra. Há quatro etapas do texto. Primeiro, uma breve biografia do autor prussiano. Posteriormente, tratar-se-á de seus principais conceitos com vistas ao nexos orgânico e dialético entre guerra e paz. Um panorama geral da recepção mais ampla das ideias de Clausewitz, normalmente distorcida, será tratada posteriormente com vistas a mostrar como o distanciamento entre guerra e paz foi estabelecido pelas interpretações de Clausewitz. Por fim, mas não menos importante, uma discussão sobre aspectos dos séculos XX e XXI no tocante à dialética guerra e paz a partir da perspectiva clausewitziana, com algumas conclusões apontando o resumo dos argumentos e propostas para novas pesquisas e reflexões.

Palavras-chave: Clausewitz; Dialética guerra-paz; Política.

ABSTRACT: The question is: how is it possible to approach the dialectics between war and peace according to Carl von Clausewitz? In order to try to answer the above question, this reflection aims to: a) demonstrate the unitary and dialectical character of war and peace in the meaning of politics according to Clausewitz; b) argue the absence of continuity and absolute discontinuity with regard to war and peace in the theoretical construct of the Prussian general, and c) enunciate the nexus with politics and peace based on the notion of war. There are four stages in the text. First, a Prussian author's brief biography. Later, it will deal with his main concepts with a view to the organic and dialectical nexus between war and peace. An overview of the generally distorted reception of Clausewitz's ideas will be treated later in order to show how the gap between war and peace was established by Clausewitz's interpretations. Last but not least, a discussion on aspects of the 20th and 21st centuries regarding the dialectics of war and peace from a Clausewitzian perspective, with some conclusions pointing to the summary of arguments and proposals for further research and reflection.

Keywords: Clausewitz; War-peace dialectics; Politics.



1 Introdução

Pode-se perguntar o motivo sobre o qual Carl von Clausewitz (1780-1831), um autor tão identificado com a guerra, guardar um nexos de seu argumento com a paz. A perplexidade pode ser ainda maior se for considerada a imagem que ronda o pensamento de Clausewitz desde o início de sua difusão mais ampla que, infelizmente, coincide em boa medida também com a sua vulgarização identificada com a visão de que a guerra e a violência são um fim em si próprias. Isto aparece também em interpretações mais recentes sobre o general prussiano.

A título de exemplificação de tais apropriações mais recentes, muitas vezes, na literatura nacional, o autor é confinado à perspectiva estrita da guerra como ação única e extremamente violenta e, por vezes, como uma antinomia à paz perpétua kantiana¹. Na literatura internacional consagrada sobre o fenômeno bélico e Clausewitz é possível encontrar exemplos em diapasão semelhante. Parafraçando Raymond Aron (1986b, p. 8), Clausewitz seria o apóstolo da violência do choque frontal sem manobra com as trincheiras, do derramamento de sangue e do primado da ofensiva a qualquer custo – tal como ocorrera na Primeira Guerra Mundial – ou da guerra vista como um fim em si mesma ou ainda um autor defasado, arcaico, preso a uma visão de guerra do mundo prévio às inovações e transformações da Revolução Industrial². Várias edições de *Da Guerra*, a principal obra de Clausewitz, corroboram em parte este diagnóstico, tanto em língua estrangeira, quanto em português. De modo geral, tais edições reproduzem somente os primeiros quatro livros (de um total de oito que integralizam a obra) e uma parte do livro VIII³ da *opera magna* de Clausewitz, prejudicando uma visão acurada sobre seu raciocínio e análises sobre o fenômeno bélico. Tais edições têm enormes vicissitudes, como a ausência do livro VI⁴, que advoga a tese clausewitziana da superioridade da defesa sobre o ataque, ponto sistematicamente ignorado pelas interpretações mencionadas⁵.

A tônica deste texto é diversa destas tendências. Ela pleiteia um tratamento mais acurado ao tema da guerra conforme Clausewitz, articulado dialética e organicamente com o tema da paz. Assim, a questão central do presente ensaio é: como abordar a dialética entre guerra e paz conforme Carl von Clausewitz?

¹Ver a respeito Rapoport (1968), Arantes (2002), Silva (2003) e Almeida (2006). Sobre a oposição entre Kant e Clausewitz, consulte Fernandes (1991). Sobre a paz perpétua kantiana, consultar Kant (2004).

²A título de exemplificação, consultar Liddell Hart (1997), Keegan (1996), Fuller (1920 e 1929).

³Deve ser acrescentado o agravante de que uma edição de Portugal (CLAUSEWITZ, 1994) denomina erradamente o livro VIII da edição original como livro V.

⁴Como é caso de uma famosa edição britânica (CLAUSEWITZ, 1982).

⁵Para aprofundar a compreensão de tal tema, consulte-se Diniz (2002).

Assim, para buscar responder à indagação enunciada, esta reflexão tem por objetivos: a) demonstrar o caráter unitário e dialético da guerra e da paz em torno da noção de política conforme Clausewitz; b) argumentar a ausência de uma continuidade e de uma descontinuidade absoluta no que tange à guerra e à paz no construto teórico do general prussiano, e c) enunciar o nexos com a política e a paz a partir da noção da guerra. Uma contextualização muito breve e geral do ponto de vista intelectual e histórico será o principal referencial metodológico para a consecução dos objetivos mencionados.

Em primeiro momento, será feita uma apresentação geral da vida e de conceitos relevantes da obra de Clausewitz para os objetivos desta reflexão. Para tal, iniciar-se-á com uma breve biografia do autor prussiano. Posteriormente, tratar-se-á de seus principais conceitos com vistas ao nexos orgânico e dialético entre guerra e paz. Um panorama geral da recepção geral das idéias de Clausewitz, normalmente distorcida, será tratada posteriormente com vistas a mostrar como o distanciamento entre guerra e paz foi estabelecido pelas interpretações de Clausewitz. Por fim, mas não menos importante, uma discussão sobre aspectos dos séculos XX e XXI no tocante à dialética guerra e paz a partir da perspectiva clausewitziana, com algumas conclusões apontando o resumo dos argumentos e propostas para novas pesquisas e reflexões.

2 Breve biografia de Clausewitz

Carl Phillip Gotlieb von Clausewitz nasceu em 1780 e integrou o exército prussiano desde os 12 anos de idade. Sua trajetória levou-o a galgar posições na carreira no exército como oficial graças também a uma comprovação de parentesco nobre. Em primeiro momento, ascendeu à patente de aspirante, na qual foi incumbido como tutor do príncipe herdeiro da Prússia, ocasião em que foi preso em uma das derrotas da Prússia para a França napoleônica. O cativeiro na França e na Suíça foi confortável e proporcionou a Clausewitz tomar contato com obras de autores decisivos na sua formação teórica, como Montesquieu (1979)⁶. Não somente isto, mas esta experiência e outras de combate contra a França deixou impressões decisivas e profundas sobre o caráter da experiência e da história para a avaliação e conceituação da guerra (PARET, 1985).

⁶As recorrentes referências aos termos “espírito”, “natureza” e, em menor quantidade, “fricção” em *Da Guerra*, poderiam ser um longínquo eco da ascendência montesquiana sobre Clausewitz, atestada claramente quando escreve provavelmente em 1818 sobre a estrutura do livro: “A maneira pela qual Montesquieu lidou com seu objeto estava vagamente em minha mente” (CLAUSEWITZ, 1984, p. 63). Sobre mais argumentos que denotam estes “ecos” e ascendências de Montesquieu sobre Clausewitz, consultar Passos (2014a, p. 43-44).

A partir desta e de outras experiências de combate, Clausewitz pôde acumular elementos para amadurecer sua elaboração muitos anos depois sobre o nexos da guerra com a história e a sociedade. Neste sentido, a Revolução Francesa proporcionou-lhe o entendimento de uma enorme inovação histórica no fenômeno bélico. Liderada por Napoleão, por ele referido como um “Deus” ou “monstro” da guerra, a França tornou a guerra assunto de todos os cidadãos, de toda uma sociedade. Acentuando o caráter historicista de sua avaliação da guerra, Clausewitz acentuou o ineditismo da mobilização da guerra de toda a sociedade francesa, de todos os seus cidadãos. A fúria, o ímpeto e a paixão revolucionária mostraram uma enorme superioridade psicológica⁷, ao menos no período das vitórias francesas (CLAUSEWITZ, 1984). A busca de Napoleão por travar batalhas decisivas com enorme intensidade até o inimigo sucumbir, a enorme linha de um exército com envergadura de conscrição jamais vista resultando em algumas centenas de milhares de soldados que demandavam um enorme aparato de abastecimento e provisões, com necessidade de confisco de suprimentos dos inimigos completariam este quadro de novidade na manifestação do fenômeno bélico (STRACHAN, 2008). Enfim, um conjunto de aspectos históricos que permitiam que a guerra se aproximasse de sua feição absoluta pela primeira vez na história, ponto que será melhor explicado no item abaixo.

As derrotas da Prússia para a França tornaram Berlim um satélite de Paris. Obrigada a tomar parte na coalizão liderada pelo *Grande Armée* contra a Rússia, Clausewitz recusa a seguir tal orientação, a despeito de sua admiração por Napoleão Bonaparte. Renuncia a sua patente no exército prussiano e se alista como oficial no exército russo. Na trajetória de derrota e retirada de volta à França de Bonaparte na campanha russa, Clausewitz desempenhou importante papel nas negociações para a retirada prussiana da coalizão francesa e reorientação contra Paris. A despeito do posterior reestabelecimento de sua patente no exército prussiano e sua participação nas campanhas contra Napoleão em 1815 (quando da derrota final do comandante francês), Clausewitz jamais superaria a visão desconfiada do rei prussiano e da corte contra a sua pessoa. Corroborou tal desconfiança sua trajetória pregressa conflituosa com o rei e por ter integrado um grupo de oficiais reformadores do exército prussiano, ao lado de Gneisenau – um grande amigo – e Scharnhorst, general por ele chamado de seu “pai espiritual”. Tais reformadores buscavam implementar propostas identificadas com as lições tiradas das derrotas para a França, inclusive criar uma milícia popular adestrada como força de reserva para um futuro embate contra Paris (PARET, 1985).

⁷Ponto referido como elemento moral por Clausewitz.

Assim, sua carreira até o generalato seria marcada por posições e cargos secundários de administração, sem o comando de tropas. Eventuais posições mais vantajosas lhe foram denegadas, entre elas a possibilidade de atuação em missões diplomáticas. Isso lhe proporcionou o estudo e a sistematização de suas experiências com vistas à guerra, proporcionada em uma obra conhecida que integraliza dez volumes. Dentre eles, encontramos *Da Guerra*. Um longo período de direção da Academia Militar de Berlim lhe proporcionou parte do tempo para tal, compreendido entre 1812 e 1830. *Da Guerra* nunca veio a ser publicada em vida (ARON, 1986b).

Pouco antes de sua morte, Clausewitz fora designado para compor o Estado-Maior liderado por seu amigo, o já Marechal Gneisenau, para por fim a uma rebelião polonesa nos arredores da fronteira prussiana com a Rússia. Como se pressentisse sua morte causada por cólera pouco tempo depois, deixou uma nota com advertência sobre o estado de elaboração de *Da Guerra*. Relatava que o livro deveria passar por uma completa revisão, diretriz que não se aplicava ao capítulo 1 do livro I, por ele considerado devidamente revisado e pronto. Duas ideias-mestras norteariam a revisão completa do tratado sobre o fenômeno bélico, de acordo com tal nota: a tipologia da guerra em guerra real e guerra absoluta e o entendimento da guerra como continuação da política com ou por outros meios⁸ (CLAUSEWITZ, 1984). Estas diretrizes lhe surgiram na maturidade de seu pensamento e guiariam uma futura revisão do livro, que jamais foi concretizada. Uma edição com pequena tiragem foi viabilizada postumamente por sua mulher Marie von Clausewitz.

Não ao acaso, os mencionados pontos orientadores da revisão planejada por Clausewitz são centrais para a apresentação do tema da dialética da paz e da guerra, ponto a ser tratado a seguir.

3 O nexu unitário e dialético entre guerra e paz

Uma certa paz, fim máximo da guerra, é imposta pela força. A despeito disto, em sendo um general oriundo da menor das principais potências europeias de sua época, como ressalta Sumida (2011), não poderia faltar uma preocupação de Clausewitz com um sistema de

⁸Sobre a controvérsia da tradução adequada ser “com outros meios” e não “por outros meios” como sugere aquela do dialeto prussiano para o inglês feita por Michael e Peter Paret (a edição aqui adotada e referenciada como a melhor versão para a língua inglesa), consulte Holmes (2014). O fato é que a tradução referida (CLAUSEWITZ, 1984), mesmo com seus limites é a melhor, conforme entrevista de Jon Tetsuro Sumida. Em evento acadêmico sobre Clausewitz na Alemanha, os próprios alemães consideraram a tradução mencionada de Howard e Paret mais clara e com menos ambiguidades que a edição original (SUMIDA, 2011) para a compreensão do pensamento do general prussiano.

equilíbrio entre os Estados (CLAUSEWITZ, 1984). Neste sentido, Clausewitz não foi defensor de uma paz em termos devastadores quando da última derrota de Napoleão. Mesmo com a vitória na guerra, o equilíbrio da paz é ponto a ser considerado. Mas a paz é indissolúvelmente ligada à guerra, foco do general prussiano.

A guerra busca a desistência do inimigo lutar, impondo-lhe a nossa vontade. Ela não é um fenômeno identificado com as pessoas de bom coração; passa pelo derramamento de sangue, pela oposição de dois lados que “duelam” entre si. Ela é manifestada por meios violentos quaisquer que sejam suas intensidades. Tal ponto remete à tipologia de guerra real e de guerra absoluta.

A primeira remete a todas as manifestações históricas e reais das guerras em toda a sua complexidade, acaso e probabilidades, aspectos imponderáveis e todo tipo de obstáculo e dificuldade que ocorrem, definidos como fricção. Na guerra real, a manifestação da violência ocorre em conformidade com espasmos, manifestações e intensidades descontínuas, desiguais.

A guerra absoluta é definida como uma “fantasia lógica”. A intensidade da violência nela presente, vista por Clausewitz no momento de sua formulação conceitual (no século XIX) como algo teórico, impossível de ser concretizado. A questão central seria a intensidade última da violência, manifestada de uma só vez na sua extremidade lógica. Clausewitz não relega a política a um tipo específico de guerra. Ainda que a política se faça presente, a violência em tal perspectiva parece eclipsar a política, ponto descartado na conceituação de tal tipo de guerra efetuada por Clausewitz. Apesar de abstrata como conceito, a guerra absoluta é um parâmetro para análise de todas as guerras, tendo em vista a intensidade da violência que deve ser considerada em todas as manifestações bélicas (CLAUSEWITZ, 1984). Neste sentido, Paret (1985, p. 367) sustenta que a categoria clausewitziana de guerra absoluta tem o sentido de unificar todas as distintas manifestações e graus de violência no fenômeno bélico e tornar viável o seu tratamento teórico.

O nexos entre guerra e política é indissolúvel, a despeito de argumentos no âmbito do senso comum e interpretações precipitadas sobre o pensamento clausewitziano sugerirem tal cisão. Sem remeter a Clausewitz, é bastante ouvido o senso comum sobre o entendimento de que o corte de relações diplomáticas entre Estados é o fim das relações políticas entre eles. Sob a ótica clausewitziana, tais Estados estão em guerra e apenas expressam suas relações políticas de outra forma, trocando a pena pela espada (CLAUSEWITZ, 1984).

Continuando o tema do vínculo entre guerra e política, é possível recorrer a temas bastante conhecidos. Sem aludirem necessariamente a Clausewitz, são recorrentes análises

sugestivas do êxito militar norte-americano na Guerra do Vietnã, a despeito do fracasso político⁹. Ou ainda, notícias e análises de guerras tendo um desfecho político ou finalização política com uma negociação de paz, como se a política fosse excludente em relação à guerra, mesmo no pensamento de Clausewitz¹⁰.

Este raciocínio de onipresença da política é central nesta exposição. A ligação entre guerra e política encerra uma unidade e uma contradição. Parafrazeando Lefebvre (1969), a guerra conforme Clausewitz possui muitos pontos em comum com a política, mas tem também profundas contradições. A política comporta ações violentas, mas também ações pacíficas. No âmbito da paz, a diplomacia faria parte da política tanto quanto a guerra. Mas não há um ponto de cisão entre a guerra e a política. Não há uma continuidade ou descontinuidade absoluta envolvendo guerra e paz ou mesmo guerra e diplomacia. A diversidade de possibilidades envolvendo a manifestação da guerra e da paz, da guerra e da diplomacia não envolve um automatismo ou mecanicismo ou formato único.

A guerra pode ocorrer simultaneamente às ações diplomáticas em um dado evento histórico, ser sucedida pela diplomacia ou o inverso. A guerra e a diplomacia envolvem uma totalidade política jamais identificando a diversidade de uma ou de outra de forma estanque. A própria apresentação da guerra na definição clausewitziana de formas bastante diferentes não deixa clara a cisão entre guerra e paz, inclusive no que concerne às intensidades de violência. Conforme Clausewitz, as guerras podem variar desde a observação armada até a guerra de extermínio. A guerra sem o derramamento de sangue, sem o combate, é uma possibilidade. Trata-se de raciocínio no qual um dos oponentes efetua um cálculo racional e cede à vontade do outro, avaliando como seria o resultado se tivesse recorrido ao enfrentamento. Ou seja, a guerra consoante às várias possibilidades de sua manifestação histórica, pode ser “um verdadeiro camaleão”, recorrendo a uma metáfora clausewitziana. A dificuldade de delimitar com precisão guerra e paz é o único ponto efetivamente cristalino nesta relação dialética e unitária (CLAUSEWITZ, 1984).

Desenvolvendo tal linha de pensamento, é possível encontrar analogias e metáforas para explicar ainda mais a aproximação entre guerra e política na acepção clausewitziana. Clausewitz recorre à economia, ao comércio, às relações políticas, sociais e humanas. O general prussiano vê a política como a forma embrionária da guerra, da mesma forma que todos os seres vivos têm as suas formas elementares em pequenos embriões. O comércio pode ser assemelhado

⁹Este raciocínio será objeto de uma análise um pouco mais detida no próximo item.

¹⁰Ainda que uma análise de tal tipo possa soar deveras estranha em face da famosíssima assertiva clausewitziana da guerra ser a política com o acréscimo da violência, encontramos tal linha analítica em Leal (2011).

à guerra na medida em que se trata de um conflito em menor escala em que há um choque de interesses. Neste sentido, a política seria um tipo de comércio em maior escala. Clausewitz explica em diapasão semelhante que a guerra pode ser comparada ao pagamento em sangue quando se executa a cobrança em espécie de uma promissória ou fatura efetuada a crédito. Também em menor escala, o duelo entre dois oponentes explica a guerra, uma vez que um inimigo tenta derrubar o outro (CLAUSEWITZ, 1984). Em perspectiva reduzida, a guerra pode ser ilustrada de modo análogo a um assalto a mão armada: ou se cede à vontade do assaltante ou se paga com a vida. Traduzindo-se a guerra para o âmbito da política, se age em conformidade com a lei ditada pelo oponente, aquele que faz ajustar nossos esforços em conformidade com o esforço e envergadura demandada (FERREIRA, 1994).¹¹

Pertencente ao domínio das relações humanas e sociais, a guerra estaria mais identificada com este campo do que com a arte ou uma ciência. A contemplação de uma obra de arte não pressupõe que haja uma interação social entre a obra e seu público, de modo distinto quando se considera a guerra em termos dos dois oponentes. Por sua vez, a ciência não é a perspectiva mais adequada para a compreensão da guerra. Na ótica clausewitziana, a ciência é reservada para a matemática e a astronomia, que possuem o puro conhecimento como objeto. A guerra seria do ponto de vista epistemológico, portanto, conforme Clausewitz, um ato do intercurso humano, um choque de interesses resolvido pelo derramamento de sangue, o único modo pela qual ela se diferenciaria dos outros tipos de conflito (CLAUSEWITZ, 1984, p. 148-149).

O foco de Clausewitz não é, portanto, de dar tratamento à guerra como arte ou ciência primordialmente. Apesar das enormes diferenças entre guerra e paz, ambas se situam no campo das relações humanas e sociais como quaisquer outras. Ambas são entendidas na perspectiva histórica.

Ao mesmo tempo, não existe um automatismo envolvendo vitória e objetivo político.

Frederico II, o outro grande referencial de Clausewitz junto com Napoleão em termos de qualidades políticas e militares, é citado como um exemplo de êxito político ao barrar as pretensões austríacas de avançar sobre seu território em campo de batalha. O imperador

¹¹Nesta mesma forma de raciocinar, pode-se retomar a hipótese de validade de alguns pontos da guerra para a política, apesar de Clausewitz não ter desenvolvido sistematicamente uma reflexão sobre a política. Assim, tomando esta premissa presente no pensamento clausewitziano, é possível entender que existe também uma política real e uma política absoluta. A política real diria respeito aos conflitos concretos, ao passo que a política nas suas formas mais elevadas, absolutas poderia ser a guerra ou a revolução ou ainda um conceito abstrato jamais realizado. Não teria sido ao acaso que a identificação da guerra absoluta em momento histórico de uma revolução como a de 1789 na França proporcionou as condições para a manifestação inédita de uma forma de guerra próxima à sua feição absoluta. Para ver mais a respeito, consultar Passos (2012, 2014a) e Naville (1955).

prussiano não conquistou o país vizinho e nem era este seu objetivo, mas alcançou em campo de batalha seu objetivo político, considerando o fato de a Prússia ser a menor e talvez a menos poderosa das principais potências da Europa no contexto do século XVIII. Do ponto de vista político, o tempo é aliado do defensor, como ressaltou Jon Sumida (2011). Neste sentido, quanto mais tempo o atacante perde, maior a superioridade neste aspecto do defensor, que se desgasta menos quando bloqueia o conquistador, mais fadado ao desgaste físico e moral (psicológico, em termos clausewitzianos) do que o defensor. Em tese, ao menos, esta ressalva seria aplicável em primeiro momento às vantagens e desvantagens envolvendo atacantes e defensores.

Mostrando compatibilidade com tais assertivas, a aparente vitória em campo de batalha em primeiro momento no caminho até Moscou pelo *Grand Armée* napoleônico não logrou o objetivo político da submissão russa e da sua desistência de lutar, com a consequência de submeter-se à vontade do oponente.

Todavia, não foram tais raciocínios que marcaram, em primeiro momento, o legado clausewitziano da popularização de seu pensamento. Helmut von Moltke, comandante do Estado-Maior prussiano e aluno da Academia Militar de Berlim por ocasião da gestão de Clausewitz¹², atribuiu a inspiração da vitória prussiana na guerra contra a França às formulações do autor de *Da Guerra*.

A sua perspectiva inspiraria todas as doutrinas de emprego militar das potências europeias na perspectiva da ofensiva, da superioridade do ataque sobre a defesa e do choque frontal a qualquer custo, ponto que repercutiria profundamente nas operações da Primeira Guerra Mundial, demonizando na historiografia militar o pensamento de Clausewitz, notavelmente no seu maior representante no século XX o ex-capitão do exército britânico, Basil Henry Liddell-Hart (1997). O ex-combatente ferido na Grande Guerra em ataque de gás lideraria todo o empreendimento intelectual – parafraseando Aron – de “colocar Clausewitz no banco dos réus e condená-lo”, apresentando-o como uma verdadeira antinomia à estratégia de aproximação indireta, o grande cânone de sua avaliação do êxito na história das guerras, por ele atribuído originariamente ao milenar Sun-Tzu (2002). Artificialmente, Liddell-Hart construiu esta oposição excludente no pensamento militar entre Clausewitz, o profeta do choque frontal e da destruição sem manobra e o assim chamado profeta da guerra sem combate, da manobra e da aproximação indireta, Sun-Tzu. Uma oposição e antinomia excludente totalmente equivocada. Ainda que possa haver diferenças – são muitas – entre Clausewitz e Sun-Tzu, há muitas aproximações e semelhanças, ponto que foge ao escopo deste ensaio. Porém, foi tal

¹²Embora muito provavelmente jamais tenha sido seu aluno.

associação que foi legada e consagrada no senso comum sobre a conceituação clássica da guerra.

Em boa medida, o resgate mais acurado do pensamento de Clausewitz começou com os estudos feitos nos anos 1970 por Raymond Aron, Peter Paret e Michael Howard. Estes dois últimos efetuaram aquela tradução mais bem reputada para a língua inglesa, tendo sido publicada pela primeira vez em 1984. Em vista deste esforço e de outros pesquisadores, o pensamento de Clausewitz ainda dispõe de fôlego para análises sobre a paz e a guerra no mundo contemporâneo, ponto que será brevemente explorado no próximo item.

4 Os conflitos mundiais e limitados do século XX e o início do século XXI: uma brevíssima análise à luz de leituras de Clausewitz

A compreensão de Clausewitz passa por recurso metodológico fundamental presente na sua reflexão: o historicismo que cerca a conceituação do fenômeno bélico. É muito comum apresentar o seu pensamento de forma imanente como se não fosse possível considerar não somente seus aspectos datados e efetivamente superados. Também se aborda Clausewitz comumente sem as possibilidades de definir pontos fundamentais da guerra e da paz na perspectiva de transformação desta dialética, como “um verdadeiro camaleão”, para lembrar a metáfora do general prussiano ao definir o fenômeno bélico. É bastante comum destacar o pensamento de Clausewitz da política que não seja aquela do plano internacional, confinando boa parte dos seus raciocínios a tal perspectiva. Não se trata de confundir as relações internacionais com a política interna dos Estados, nem confundir a guerra com outros fenômenos distintos, mas sim entender os eventuais nexos que a política possui com aspectos dos conflitos do interior dos Estados e fora deles, com possibilidades de maior ou menor aproximação da guerra de suas respectivas perspectivas.

Exemplos de discutível uso do pensamento de Clausewitz e interessantes análises da história do século XX podem ser situados no contexto da Segunda Guerra Mundial.

No que tange ao mau uso, Hitler e Carl Schmitt (importante jurista que colaborou com o *Führer* nazista) efetuaram apropriações semelhantes do pensamento clausewitziano. Hitler inverteu a formulação da guerra como continuação da política por outros meios ao colocar a guerra racial como centro de seu raciocínio (HITLER, 2001, p. 495-496). Há evidências de que Hitler tenha lido e manuseado *Da Guerra* (RYBACK, 2009), embora outros estudiosos clausewitzianos duvidem do empreendimento da efetiva leitura (ARON, 1986c, p. 76). De modo semelhante, a política como guerra no sentido da exclusão física do inimigo – a essência

ontológica do conflito político conforme a concepção antiliberal de Schmitt – colocava em evidência somente o sentido violento da política, descartando a sua face pacífica prescrita por Clausewitz (SCHMITT, 1992, p. 59-60).

Passemos a análises de conflitos do século XX.

Na perspectiva dos aliados inimigos do eixo Alemanha-Itália-Japão, o objetivo da rendição incondicional escamoteava a percepção do significado político da condução das hostilidades, conforme a avaliação do General Patton. Isto tornava a guerra um fim em si. Tomar somente a questão militar da rendição de modo vago e amplo ocultaria o problema de não direcionar o Terceiro Exército sob seu comando para Praga e deixá-la sob o jugo soviético (FERREIRA, 1988, p. 157; 1994, p. 28).

Ainda nesta linha de raciocínio que oculta o objetivo político, a Segunda Guerra marca ainda, na perspectiva da historicidade da guerra como um camaleão, a passagem do conceito de guerra absoluta para o campo da realidade com a inovação científica e tecnológica. Como alguns intérpretes assinalaram (HOWARD, 1983, p. 70-71; ARON, 1986a, p. 72; 1986c, p. 129-172), se tomarmos a definição da guerra absoluta, aquela violência manifestada com grau extremo e por meio de uma única erupção, constata-se que a explosão de uma bomba atômica coincide exatamente com tal caracterização. As explosões no teatro de operações do Pacífico em Hiroshima e Nagasaki mudaram definitivamente o cenário histórico da guerra e, logicamente, da paz que se manifestaria em alguns momentos a partir de então. Em boa medida, tal transformação é bem elucidada pelo comentário de Oliveiros Ferreira (1988, p. 159). A despeito da citação ser longa, ela é justificável por sua natureza bastante elucidativa:

A mudança qualitativa no pensamento militar ocidental, que interveio depois de Hiroshima e Nagasaki, do meu ponto de vista, não afetou apenas a estratégia, fazendo que civis e militares procurassem encontrar diferentes graus de absoluto para a guerra absoluta (escalada da guerra atômica tática à estratégica, estratégia preventiva de contra-força, estratégia *ex post factum* de contra-força ou contra objetivos civis), mas alterou, no Ocidente, o próprio conceito da natureza mesma da guerra. Essa alteração, já visível em Casablanca¹³, significava no fundo a rejeição de Clausewitz, a qual se tornou obrigatória depois que Liddel Hart o sacrificara no altar da estratégia da aproximação indireta, sacrifício no entanto resultante de uma má leitura de *Vom Kriege*. Com isso, o Ocidente cometeu aquele erro teórico que, dizia Trotsky, a realidade nunca perdoa. Em que consistiu este erro teórico? Em primeiro lugar, em haver-se afastado a guerra de suas relações com a realidade, isto é, com ‘o domínio... da existência social’, na qual contam os esforços morais da população, cujo ‘estado de alma repercute de modo decisivo sobre as forças da guerra’, com ensinava Clausewitz. Seguiu-se, daí, que a arma atômica levou a que a política externa norte-americana fosse feita não em função dos interesses nacionais assumidos ativamente pela população ou seus setores dirigentes, com capacidade de influir, mas das

¹³Localidade no então Marrocos francês onde houve uma reunião de cúpula entre 14 e 23 de janeiro de 1943 entre o Primeiro-Ministro britânico Winston Churchill, o Presidente norte-americano Frank Delano Roosevelt e os Generais franceses Charles de Gaulle e Henri Giraud.

consequências políticas implícitas na posse da arma absoluta nas relações de hostilidade com a URSS (FERREIRA, 1988, p. 159).

Outro exemplo, no âmbito da Guerra da Coreia (1950-1953), remete à posição desafiadora do comandante do corpo expedicionário norte-americano, General Douglas MacArthur. Ele discordava do mandato específico de restauração do *status quo ante*¹⁴ posto pelo mandato da ONU e dos limites à envergadura do conflito, também reforçados pelo Presidente Truman e pelo Estado-Maior Coordenado norte-americano. Segundo ele, na guerra não haveria substituto para a vitória. Tal entendimento se desdobrava em seríssimas consequências face à negativa da China em render-se para por termo ao conflito. MacArthur advogava uma guerra contra a China com armas nucleares. Mais precisamente: detonar de 30 a 50 bombas atômicas sobre bases estratégicas na Manchúria, desembarcar meio milhão de soldados chineses nacionalistas adeptos de Chang Kai-shek e, após a derrota chinesa, erguer uma barreira de cobalto radioativo na fronteira sino-coreana no rio Yalu (RICUPERO, 2004). Seria, se não a concretização da guerra absoluta, a efetivação de vários episódios que se aproximariam de tal tipo da guerra delineado por Clausewitz. Uma aproximação em moldes muito maiores e intensos do que Clausewitz idealizara no conceito abstrato original, quase idêntica ao conceito idealizado. Ainda que possa ser repetitivo, o caráter histórico da avaliação da guerra deve ser considerando, retomando a metáfora clausewitziana da guerra como um verdadeiro camaleão.

A postura de MacArthur também ocultava a perspectiva política: os limites postos pela ONU e pelos aliados norte-americanos, os obstáculos internos a uma mobilização de maior envergadura dos EUA e seus aliados, as então vindouras eleições presidenciais norte-americanas, a relativa indiferença da sociedade norte-americana com os fatos ocorridos na península coreana. Acima de tudo, pôr em questão o objetivo político de restaurar a situação anterior à guerra punha em cena a política como contingenciadora, limitadora da violência na medida em que uma maior escalada poderia levar à Terceira Guerra Mundial, conflito que certamente não teria vencedores. MacArthur foi destituído do comando pelo presidente Truman em 11 de abril de 1951. Com concomitantes combates na altura do paralelo 38 por dois anos seguidos (tal como na perspectiva dialética da política no sentido clausewitziano), o desfecho da guerra na península coreana apontou em 1953 para um “empate”, certamente marcado pelos limites políticos que impediram o prolongamento das hostilidades e a escalada rumo à hecatombe nuclear.

¹⁴Ou seja, restabelecer as fronteiras entre as duas Coreias tais como na situação anterior ao início das hostilidades, com uma linha divisória no paralelo.

Um armistício foi então assinado, caracterizando o que se chama no senso comum de uma “relação tecnicamente em guerra”, uma vez que nunca foi assinado um tratado de paz definitivo e há, desde então, todo um contexto simultâneo, alternado ou não de negociações diplomáticas, espionagem, escaramuças entre forças terrestres, navais e aéreas entre os dois países. Os norte-coreanos dispõem de uma das maiores forças armadas do mundo (com cerca de 1,1 milhão de soldados), além de armas nucleares desenvolvidas recentemente. Por sua vez, forças norte-americanas guardam a Coreia do Sul com a presença de aproximadamente 28500 soldados. Neste quadro, pode-se caracterizar a dialética guerra e paz. Não há relações diplomáticas entre eles – exceto entre Coreia do Sul e EUA. Existem negociações diplomáticas informais e formais entre as Coreias e entre a Coreia do Norte e os EUA, além de pequenas manifestações de violência e uma significativa observação armada, com o agravante da Coreia do Norte ter as referidas armas da violência absoluta clausewitziana, as bombas nucleares.

As armas nucleares foram uma das tônicas do período conflituoso entre EUA e URSS inaugurado pela guerra na Coreia. A Guerra Fria teve nas armas nucleares, citando a paráfrase de Aron (1986c) sobre a metáfora clausewitziana da guerra como uma operação a crédito, as “promissórias da dissuasão”. Um conflito direto de maior magnitude entre as duas superpotências foi evitado em vista daquilo que Oliveiros Ferreira (1988) chamou de “a estratégia do suicídio”. Uma guerra entre ambos não poderia ter outro desfecho, conforme já tratado acima.

Retomando o tema da apropriação do pensamento clausewitziano, data dos anos 1960 a elaboração do livro *Paz e Guerra entre as Nações*, de Aron. Uma de suas categorias centrais é explicitamente inspirada na dialética guerra e paz clausewitziana, a saber, a política externa dos Estados entendida como ação ou conduta diplomático-estratégica. Toda política externa teria componentes relacionados à diplomacia e à guerra em maior ou menor grau dependendo da manifestação específica, sem um padrão único ou mecânico de causalidade. Como definiu o próprio Aron, a conduta diplomático-estratégica seria indeterminável (ARON, 1986a).¹⁵

¹⁵Embora Aron reconheça o caráter dialético da paz e da guerra na acepção clausewitziana da política em primeiro momento (1986a), ele nega que esse se vincule ao modo como Marx, Engels, Lenin e o restante da tradição marxista remetem Clausewitz à perspectiva hegeliana. Em momento posterior da sua análise sobre Clausewitz, Aron (1986b) nega qualquer nexos de Clausewitz com Hegel e com Kant. Um dos argumentos contrários sobre o nexos da formulação de Clausewitz com Kant é de que várias categorias filosóficas kantianas faziam parte do senso comum do período de vida do general prussiano. Aron minimiza o fato de que Clausewitz frequentara aulas depois de 1806 de um sacerdote de orientação kantiana, Kiesewetter. É fato que Clausewitz faleceu no mesmo ano em que Hegel morreu em Berlim (1831), curiosamente decorrente da mesma epidemia de cólera ocorrida neste período. Clausewitz fora diretor da Academia Militar de Berlim em um mesmo período em que Hegel fora professor da Universidade de Berlim. Possivelmente frequentaram círculos em comum e Clausewitz pode ter assistido aulas de Hegel. Contudo, não há evidências documentais sobre isto tampouco de que Clausewitz fora leitor de Kant e Hegel. Peter Paret adverte para o fato de que a dialética clausewitziana é dual, sem o caráter

Ainda no esteio dos anos 1960, o nexu indissolúvel entre guerra e política proposto por Clausewitz nos serve para analisar sumariamente a Guerra do Vietnã (1964-1975). Conforme já assinalado anteriormente, é usual o argumento do sucesso militar estadunidense por oposição ao fracasso político no desfecho do conflito. Já foi sublinhado que a vitória em combate não pode ser tomada necessariamente com a consecução do objetivo político. A superioridade norte-americana em vários contextos de combate não se traduziu na eliminação da vontade do oponente em desistir de lutar no contexto do conflito da Indochina. Pelo contrário, tais “vitórias” não encontravam lastro na sociedade vietnamita e mostravam um enorme desconhecimento e descompasso entre a história e realidade vietnamitas e os meios empregados pelas forças armadas estadunidenses em face das particularidades daquele conflito.

As vitórias norte-americanas na ofensiva da guerrilha vietnamita no ano novo do calendário lunar vietnamita¹⁶, em meados de 1968 tiveram um impacto altamente desfavorável para os EUA, em função da péssima recepção das imagens, combates, mortos, feridos e resultados desta etapa do conflito pela sociedade norte-americana, minando qualquer possibilidade de um maior engajamento no leste asiático. Do ponto de vista político, os EUA foram os grandes derrotados no saldo final deste e de outros momentos do conflito, consagrando o entendimento de que a superioridade militar não confere qualquer avaliação automática em termos da consecução dos objetivos políticos. Pouco a pouco, o retraimento norte-americano era antagonizado com os concomitantes avanços diplomáticos e militares simultâneos (na melhor perspectiva da definição de política clausewitziana) dos norte-vietnamitas até sua vitória final em 1975.

Não ao acaso, o fracasso político e militar dos EUA levou a um resgate do pensamento clausewitziano nos estudos, cursos e doutrinas de emprego militar nas forças armadas norte-americanas a partir dos anos 1970. Ficou evidente o desconhecimento da sociedade, da história e do nexu político-militar na particularidade do conflito no Vietnã.

Tal “adoção” de Clausewitz às doutrinas militares estadunidenses teve desdobramentos no sentido de enquadrar outros conflitos como guerras. Foi o caso do enquadramento do terrorismo em termos da centralidade que adquiriu após o 11 de setembro de 2001. Pode ser este conflito assim entendido?

triádico que contempla a síntese hegeliana. Contém apenas tese e antítese ao percorrer uma linha de raciocínio que envolve, por exemplo, teoria e realidade (PARET, 1985, p. 369). Sobre a apropriação marxista do pensamento de Clausewitz, consultar Passos (2012, 2014b). Sobre o caráter dialético que envolve paz e guerra no pensamento hegeliano, consulte Hegel (2003, p. 305-306).

¹⁶Conhecido como Tet e daí o nome da chamada Ofensiva do Tet, deflagrada em janeiro de 1968.

Entende-se de modo negativo. Mesmo que se considere o terrorismo como pertencente à política, o mesmo não pode ser dito com relação à guerra. Porém, o discurso da “guerra ao terror” se confunde com a tentativa de legitimar intervenções políticas e militares dos EUA em conflito de natureza bastante distinta da guerra, que não tem nem mesmo o Estado na centralidade da sua avaliação e consecução, tampouco forças adestradas convencionais, inimigos facilmente identificáveis, exércitos ou objetivos políticos e militares passíveis de consecução no médio e curto prazo. O terrorismo não é um conflito centrado no Estado como a guerra tal como definida por Clausewitz. Suas diferenças com o fenômeno bélico não são muito bem percebidas, ponto que dificulta ainda mais a compreensão e resolução deste tipo de conflito, central na avaliação da nova conjuntura pós-2001¹⁷.

Por fim, não se pode ignorar que o legado da Guerra Fria em termos das armas nucleares permanece de certa forma no século XXI. Não se pode ignorar que o enorme arsenal da guerra absoluta ainda cumpre o papel das já referidas “promissórias da dissuasão” em outros termos históricos e conjunturais e que isto mereceria outra reflexão mais aprofundada. Afinal, ainda existem em quantidade enorme armas atômicas distribuídas em potências nucleares, com perspectivas de aumento em outros Estados e aquelas decorrentes da desagregação da antiga URSS que pulverizou seu antigo poderio estratégico em mais repúblicas independentes.

5 Considerações Finais

Ao longo deste ensaio, foi desenvolvido argumento de que existe uma dialética de continuidade entre guerra e paz no pensamento de Clausewitz. Foi proposto um sumário esboço de consequências do argumento clausewitziano em termos de análise das guerras e de aspectos de momentos importantes da trajetória histórica dos séculos XX e XXI.

Ficou sumariamente evidenciado que a riqueza e enorme alcance proporcionado pelo pensamento de Clausewitz fez com que diversas tradições intelectuais reivindicassem seu legado teórico. Autores marxistas, o antiliberal Schmitt, Hitler, o weberiano Aron, dentre outros. O esboço aqui apresentado não esgota tais possibilidades de abordagem e interpretação da dialética paz e guerra. A título de exemplificação, não foram exploradas as interpretações no âmbito da filosofia antropológica e crítica literária no âmbito da teoria mimética de René Girard (2011). Tampouco foi tratado a livre apropriação do pensamento de Clausewitz por Michel

¹⁷Sobre uma avaliação das diferenças entre terrorismo e guerra em perspectiva conceitual clausewitziana, consultar Howard (2002).

Foucault (2000). Ou ainda uma discussão sobre eventuais nexos entre Clausewitz e autores do pensamento econômico clássico (PERLMUTTER, 1988).

No que é tangente a temas e questões para reflexões futuras elencam-se mais algumas. A primeira seria o já mencionadonexo entre guerra, terrorismo e política no que concerne às semelhanças e diferenças. A segunda apontaria para aprofundar em perspectiva histórica e clausewitziana ponto pouco desenvolvido pelo general prussiano: a “pequena guerra” ou “guerra de guerrilhas”. Por fim, mas não menos importante, considerando a guerra como camaleão dada a sua historicidade, seria relevante colocar em tais termos também a diplomacia, tendo em vista a indissolúvel unidade dialética entre guerra e diplomacia ou entre guerra e paz.

Referências

ALMEIDA, J. S. *Política e tragédia*. 2006. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

ARANTES, P. Notícias de uma guerra cosmopolita. *Sexta Feira*, São Paulo, n. 7, p. b26-b41, 2002.

ARON, R. *Paz e Guerra entre as Nações*. Brasília: Universidade de Brasília, 1986a.

ARON, R. *Pensar a Guerra, Clausewitz: a era europeia*. Brasília: Universidade de Brasília, 1986b.

ARON, R. *Pensar a Guerra, Clausewitz: a era planetária*. Brasília: Universidade de Brasília, 1986c.

CLAUSEWITZ, C. *Da Guerra*. Mira-Sintra, Mem Martins: Europa-América, 1994.

CLAUSEWITZ, C. *On War*. Princeton: Princeton University, 1984.

CLAUSEWITZ, C. *On War*. London: Penguin, 1982.

DINIZ, E. *Clausewitz, o Balanço Ataque-Defesa e a Teoria das Relações Internacionais*. 2002. 218 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

FERNANDES, L. M. R. Clausewitz derrota Kant na Guerra do Golfo. *Caderno de Estudos Afro-Asiáticos*, n. 20, p. 33-36, 1991.

FERREIRA, O. S. Clausewitz e a política. *Lua Nova*, n. 34, p. 27-35, 1994.

FERREIRA, O. S. *Forças Armadas, para quê?*. São Paulo: GRD, 1988.

FOUCAULT, M. *Em Defesa da Sociedade, curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FULLER, J. F. C. *Tanks in the Great War 1914-1918*. New York: E. P. Dutton and Company, 1920.

FULLER, J. F. C. *The Generalship of Ulysses S. Grant*. New York: Dodd, Mead and Company, 1929.

GIRARD, R. *Rematar Clausewitz: além Da Guerra – diálogos com Benoît Chantre*. São Paulo: É Realizações, 2011.

HEGEL, G. W. F. *Princípios da Filosofia do Direito*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HITLER, A. *Minha luta (Mein Kampf)*. São Paulo: Centauro, 2001.

HOLMES, J. Everything you know about Clausewitz is wrong. *The Diplomat*, November 12, 2014. Disponível em: <http://thediplomat.com/2014/11/everything-you-know-about-clausewitz-is-wrong>. Acesso em: 28 dez. 2014.

HOWARD, M. *Clausewitz*. Oxford: Oxford University, 1983.

HOWARD, M. What's in a Name? How to Fight Terrorism. *Foreign Affairs*, v. 81, n. 2, p. 8-13, January/February 2002.

KANT, I. Para a Paz Perpétua – um esboço filosófico. In: GINSBURG, J (org.). *A Paz Perpétua – Um Projeto para Hoje*. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 31-87.

KEEGAN, J. *Uma história da guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LEAL, M. M. *A Campanha Militar de Cuito Cuanavale (1987-1988): Uma análise baseada na Teoria da Guerra de Clausewitz*. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação de História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

LEFEBVRE, H. *O Pensamento de Lenine*. Lisboa: Moraes, 1969.

LIDDELL HART, B. H. *Strategy*. New York: Meridian, 1997.

MONTESQUIEU, C. L. S. *Do Espírito das Leis*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

NAVILLE, P. Carl von Clausewitz et la théorie de la guerre. In: CLAUSEWITZ, C. *De La Guerre*. Paris: Les Editions de Minuit, 1955, p. 19-37.

PARET, P. *Clausewitz and the State – the man, his theories, and his times*. Princeton: Princeton University, 1985.

PASSOS, R. D. F. *Clausewitz e a Política: Uma Leitura da Obra Da Guerra*. Ijuí: Unijuí, 2014a.

PASSOS, R. D. F. Gramsci, Clausewitz, guerra e política. *Informe Econômico*, v. 16, n. 31, p. 103-108, 2014b.

PASSOS, R. D. F. Uma leitura sobre Clausewitz, Lenin, a revolução e a guerra. *Outubro*, n. 20, p. 149-169, 2012.

PERLMUTTER, A. Carl von Clausewitz, enlightenment philosopher: A comparative analysis. *Journal of Strategic Studies*, v. 11, n. 1, p. 7-19, 1988.

RAPOPORT, A. Introduction. In: CLAUSEWITZ, Carl von: *On War*. London: Penguin Books, p. 11-80, 1968.

RICUPERO, R. A guerra errada. *Folha de São Paulo*, São Paulo, p. B2, 21 março 2004.

RYBACK, T. *A biblioteca esquecida de Hitler: os livros que moldaram a vida do Führer*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SCHMITT, C. *O conceito do político*. Petrópolis: Vozes, 1992.

SILVA, C. E. M. V. A trindade de Clausewitz e sua aplicação à análise do terrorismo. *Idéias*, v. 10, n. 2, p. 163-183, 2003.

STRACHAN, H. *Sobre a guerra de Clausewitz*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

SUMIDA, J. *BookTV: Jon Sumida, "Decoding Clausewitz"*, 19 de dezembro de 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P2hCBmIzEaw>. Acesso em: 28 dez. 2014.

TZU, S.; PIN, S. *A arte da guerra*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2002.

Recebido em 10 de dezembro de 2021.

Aceito para publicação em 25 de dezembro de 2021.